



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

Escola de Comunicação e Artes
Curso de Licenciatura em Jornalismo

Departamento de Comunicação

**ANÁLISE DA LINGUAGEM JORNALÍSTICA NAS MATÉRIAS SOBRE
ECONOMIA**

CASO DE JORNAIS “O PAÍS” E “NOTÍCIAS”

Candidato: António Francisco Miambo

Supervisor: Ernesto Nhatsumbo

Maputo, Março de 2024

Escola de Comunicação e Artes

Curso de Licenciatura em Jornalismo

Departamento de Comunicação

**ANÁLISE DA LINGUAGEM JORNALÍSTICA NAS MATÉRIAS SOBRE
ECONOMIA**

CASO DE JORNAIS “O PAÍS” E “NOTÍCIAS”

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Jornalismo.

Candidato: António Francisco Miambo

Supervisor: Ernesto Nhatsumbo

Maputo, Março de 2024

Escola de Comunicação e Artes

Curso de Licenciatura em Jornalismo

**ANÁLISE DA LINGUAGEM JORNALÍSTICA NAS MATÉRIAS SOBRE
ECONOMIA**

CASO DE JORNAIS “O PAÍS” E “NOTÍCIAS”

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Jornalismo.

Candidato: António Francisco Miambo

JÚRI

Presidente: Dr. Daniel Tinga

Escola de Comunicação e Artes

Supervisor: Ernesto Nhatsumbo

Escola de Comunicação e Artes

Oponente: Dra. Arlete Mambo

Escola de Comunicação e Artes

Maputo, 03 de Março de 2024

Ao meu pai!

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer a Deus, pela graça, consolo, amparo e motivação.

Aos meus pais. À minha mãe pelo apoio e palavras de motivação. Ao meu pai porque sem ele o sonho de fazer um nível superior, nunca se teria realizado.

Aos meus irmãos, Atália, Marta, Lino e Vasco pela irmandade.

Ao Doutor Ernesto Nhatsumbo, pela paciência, acessibilidade, orientação atenta e dedicada, e conselhos, que muito extrapolam a rotina académica, prescrevendo a vida pessoal.

À colega Kátia Mondlane e ao esposo pelo apoio e motivação.

Aos amigos Dicson, Jacinto, Jeremias, Joaquim, Leonardo, Nielsen e Raúl por toda a amizade demonstrada ao longo destes anos. Desde o ensino médio, preparação para os exames de admissão até esta fase, em especial, Quina Rosário.

Aos meus amirmãos, Raúl Tomás e Jaime Afonso Gumeta - embaixador das minhas finanças - pela força, incentivo, palavras e atitudes de irmandade.

À dona Flora, bibliotecária da Escola onde fiz os ensinos básico e médio por várias vezes ter acreditado em mim, motivando-me sempre a estudar e a sonhar sem olhar para a minha condição, várias vezes agiu, aconselhou-me como uma mãe, o obrigado nunca será suficiente.

Aos meus líderes: Adérito Maperra, Alfredo Mazuze, Manuel Lídia, Osvaldo da Silva e Inocência Manhatela por contribuírem na minha formação como homem, servo, filho e líder.

A todos os colegas que sempre se mostraram disponíveis para me acompanhar e ajudar durante todo percurso.

A todos os docentes pela paciência, disponibilidade e compreensão. O meu obrigado!

“Os números e os seus prestidigitadores não são a primeira lembrança quando alguém se deixa envolver pelo mundo jornalístico, também ele mágico, pela capacidade de transformar temas em impacto”

Martins (2005, p. 225)

RESUMO

O presente estudo analisa a utilização da linguagem jornalística, buscando compreender as razões para a utilização de jargões económicos na produção de matérias sobre economia. No estudo fez-se a análise a partir do método qualitativo, numa amostra por acessibilidade ou por conveniência compreendendo, ao todo, 54 artigos. Para a resposta a pergunta de partida, usou-se o procedimento de análise de conteúdo e de levantamento, tendo-se concluído que não existe um único factor que explique a utilização de jargões económico, mas a combinação de vários desde o tipo de fonte, pressão organizacional, questões estéticas, não traduzibilidade de alguns termos para a língua portuguesa ou comum ao leigo leitor e a tentativa de salvaguardar o direito a informação sem distorcê-la.

Palavras-chave: Jornalismo; economia; escrita; jargões; e razões.

ABSTRACT

The present study analyses the use of journalistic language, seeking to understand the reasons for the use of economic jargon in the production of articles about economy. In the study the analysis was made from the qualitative method, in a sample by accessibility or convenience comprising, in all, 54 articles. To answer the question of departure, the procedure of content analysis and survey was used, having concluded that there is not a single factor that explains the use of economic jargon, but the combination of several from the type of source, organizational pressure, aesthetic issues, non-translatability of some terms into Portuguese or common to the lay reader and the attempt to safeguard the right to information without distorting it.

Keywords: Journalism; economics; writing; jargon; and reasons.

Abreviaturas

BAD – Banco Africano de Desenvolvimento

BM – Banco Mundial

FMI – Fundo Monetário Internacional

INE – Instituto Nacional de Estatísticas

PIB – Produto Interno Bruto

PR – Presidente da República

SADC – Comunidade de Desenvolvimento da Africa Austral

SUMÁRIO

Folha de Rosto	i
Folha de Aprovação.....	ii
Dedicatória	iii
AGRADECIMENTOS	iv
Epígrafe.....	v
RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
Abreviaturas	viii
1 CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Problemática	1
1.2 Hipóteses:	3
1.3 Justificativa	3
1.4 Objectivos:.....	4
CAPÍTULO II.....	5
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	5
2.1 Contexto histórico do jornalismo económico	5
2.2 Jornalismo Económico em Moçambique	5
2.3 Contributo Social do Jornalismo Económico e sua relação com os princípios de redação	7
2.4 Perfil profissional dos jornalistas de economia	7

2.5	Os jornalistas económicos e suas fontes	8
2.6	Caraterísticas de um texto jornalístico de economia	9
2.7	A linguagem tecno-económica ou «O Economês»	10
2.8	Quadro teórico conceptual	12
2.9	Teoria.....	14
3	CAPÍTULO III- METODOLOGIA	16
3.1	Tipos de pesquisa	16
3.2	Categorias analíticas.....	18
3.3	Amostragem.....	19
3.4	Considerações éticas da pesquisa	20
4	CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	21
4.1	Discrição, análise e interpretação das matérias.....	21
5	CAPÍTULO V – CONCLUSÃO	37
6	CAPÍTULO VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
7	APÊNDICE.....	43
8	ANEXOS	56

1 CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

Título: Análise da linguagem jornalística nas matérias sobre economia. Caso de jornais “O País” e “Notícias”

1.1 Problemática

O jornalismo económico, por ser a única área da comunicação social responsável por discutir e relacionar matérias sobre economia, tem o seu valor e grau de importância continuamente acrescidos, visto que, a partir de matérias económicas, a sociedade não só se informa, mas também tem acesso a um conjunto de bases que servirão de orientação ou guião para a posicionamento da mesma (sociedade) face a mudanças ou impacto financeiros (económicos).

A noticiabilidade de matérias económicas é indiscutível e imprescindível, ao mesmo tempo que se torna imperiosa a ausência da linguagem técnica, uma vez que esta, por ser complexa, pode excluir o público do acesso a informação, quer como necessidade, quer como direito.

Para (LETRIA & GOULÃO, 1986 *apud* FRANCISCO, 2013, p. 5), há uma maior necessidade de os profissionais do jornalismo explicarem em linguagem comum a linguagem técnica “os jornais não se destinam a setores de opinião especializados e familiarizados com designações e mecanismos mais complexos.”

Quando olhamos para a imprensa escrita moçambicana, verifica-se de forma contínua a presença de linguagem técnica, que como já dito, exclui a grande maioria da informação, mina o direito a informação devido ao alto grau de cientificidade, exclui a participação social do desenvolvimento económico.

Numa matéria económica sobre a previsão de redução generalizada de preços em Moçambique, publicada a 13 de Novembro de 2019, O jornal «O País» escreve na epígrafe “O Fundo Monetário Internacional prevê um forte crescimento para Moçambique, no próximo ano. O FMI perspetiva uma **inflação baixa** e o **crescimento do PIB** para 5.5%.”

Outra matéria, publicada a 23 de Setembro de 2019, o jornal escreve: “A **inflação média** da região da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) situou-se nos 8.6%, no segundo trimestre de 2019, uma **desaceleração em 0,43 pontos percentuais** face ao igual período do ano passado.”

Situação parecida verifica-se na edição 11 de Janeiro de 2021 do Jornal Notícias, que escreve: «*MOÇAMBIQUE registou, em Dezembro passado, uma **inflação** mensal de 1,52%, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), que tomou como referência os dados recolhidos nas cidades de Maputo, Beira e Nampula*».

Para (DINES, 1974 *apud* TAVARES, 2014, p. 17), as informações sobre economia no jornalismo não devem apresentar jargões, pois, “os termos técnicos criam obstáculos para a interpretação da notícia descumprindo a missão jornalística”. O autor acresce, ainda, que a utilização do «economês» pelos jornalistas “contribui para a desinformação dos leitores e não o contrário”.

Na mesma esteira de pensamento estão os mais bem colocados autores de obras sobre o jornalismo económico, como Sidnei Basile, Suely Caldas e Bernardo Kucinski, que por sua vez, são consensuais em atribuir a media o dever de traduzir a linguagem tecno-económica. Aliás, para estes, toda informação deve assegurar e salvaguardar o direito e a democratização da informação.

Aspectos não tido em conta pelo Notícias, na edição de 1 de janeiro de 2020, em que o jornal público moçambicano escreveu “A África do Sul alcançou uma **superavit comercial** em Novembro, elevando o valor dos primeiros 11 meses do ano para mais de dez bilhões de *rands* em comparação com o déficit para o mesmo período de 2018”.

(AMARAL 1986 *apud* TAVARES, 2014, p. 18), olha para a utilização de jargões e termos específicos da economia como menos produtiva, na medida em que o leitor não absorve informação suficiente para debater, posteriormente, sobre o fato, menos ainda se posicionar diante dos acontecimentos. O autor esclarece que “a condição essencial da informação jornalística é que deve ser clara e objetiva independentemente do assunto tratado, com linguagem que esteja ao alcance de todas as classes e sem termos técnicos”.

Os textos dos media em alusão são caracterizados pela utilização de termos técnicos. Fato que serve de desafio para esta pesquisa compreender as razões que explicam a utilização dos termos técnicos pela media na cobertura de matérias ligadas a economia. Assim sendo, tem-se como **pergunta de partida:**

Pp: Que factores explicam a utilização da linguagem técnica na cobertura jornalística dos jornais Notícias e “O País” de assuntos económicos?

1.2 Hipóteses:

- ★ A utilização de expressões técnicas nas matérias sobre economia no «Notícias» e «O País» deve-se a pressão organizacional para o cumprimento do *deadline*, o que não permite aos jornalistas traduzirem a linguagem económica.
- ★ A utilização de termos técnicos de economia nos jornais em análise é explicada pela influência das fontes e agências de informação na redação de notícias.

1.3 Justificativa

A escolha do tema surge em virtude de alguma experiência tidas, por um lado, como leitor de jornais (impresso e digital), por outro como estudante de jornalismo. E, no âmbito das atividades teóricas e práticas da cadeira de jornalismo especializado que, embora não fosse minha pretensão, o nosso grupo de estudo foi indicado para “trabalhar” com a editoria de economia. No decorrer das atividades práticas (produção de reportagens e entrevistas), e contacto, naturalmente, com alguns jornalistas de economia e economistas, ficava cada vez mais interessado em perceber a natureza, impacto, princípios e a forma como é e deve ser feito o tratamento jornalístico de matérias sobre economia.

Ademais, a relevância e o impacto dos assuntos económico no dia a dia da sociedade tão é imprescindível quanto vital, bem como o tratamento que estes devem receber pela media para assegurar, primeiro, o direito e o acesso a informação como dever da media, para tal, tem-se como ponto de análise os jornais “Notícias” e “O País”.

A escolha destes órgãos justifica-se pela sua abrangência e regularidade na cobertura de temas sobre economia no país, aliás, o “Notícias” é um dos principais jornais do país e o de maior circulação no país. Conforme (Notícias, 2022). O país publica as matérias no portal online, tendo como missão organizacional (grupo soico) educar, ensinar e servir com qualidade todos os moçambicanos.

A pesquisa tem um grau de importancia muito grande na medida em que tenciono seguir esta área do jornalismo, podendo, por isso, ajudar-me a agregar mais valor em matéria de narração e redação no jornalismo económico, através da interpretação dos jargões económico,

contribuindo, deste modo, para a conservação do papel social da media e assegurar o direito a informação.

Como afirma a Teoria da Responsabilidade Social da Imprensa desenvolvida 1947 por Hutchins Percentage (TRSI), os media têm o dever de informar a sociedade sobre os diversos assuntos, com mais ênfase naqueles que impactam nas suas vidas directa ou indirectamente. Neste caso, os assuntos sobre economia são de maior importância para moçambicanos e impacta de forma directa nas suas vidas, sendo, por isso, dever da media bem informar sobre os mesmos.

No seio académico, a pesquisa poderá servir de referência, bem como, despertar interesse pela elaboração de outras pesquisas e enriquecer as reflexões e debates acerca do jornalismo económico em Moçambique. Bem como, proporcionar debate sobre o papel da media, discutindo a importância e o valor da especialização no jornalismo (económico) no país.

1.4 Objectivos:

1.4.1 Objectivo geral

❖ Analisar o uso da linguagem técnica na cobertura de assuntos económicos nos jornais Notícias e “O País”.

1.4.2 Objectivos específicos

- ★ Identificar a linguagem técnica usada nas matérias jornalísticas sobre assuntos económicos nos Jornais Notícias e “O País”.
- ★ Especificar o processo de produção de informações tendo em conta a natureza das fontes e factores organizacionais nos Jornais Notícias e “O País”.
- ★ Enunciar o alcance das matérias sobre economia nos jornais Notícias e “O País”

CAPÍTULO II

2 REVISÃO DA LITERATURA

Com a Revisão de literatura sobre o Jornalismo económico na media imprensa moçambicana, pretende-se analisar as diferentes abordagens sobre o fenómeno na perspectiva de diferentes autores que abordam a temática. Embora haja lacunas na cobertura sobre temáticas económicas, principalmente no que tange a redação, a cobertura mediática de assuntos ligados à economia é notória e relevante, tendo em conta o seu impacto directo na sociedade.

2.1 Contexto histórico do jornalismo económico

Embora não se tenha dados precisos sobre o início do jornalismo económico no mundo, acredita-se que a circulação de informações económicas no mundo data dos séculos XVI e XVII, em que:

«as famílias ricas da Europa costumavam contratar correspondentes para que lhes redigissem cartas periódicas sobre a economia e os negócios de cada canto do continente – o caso da família alemã de banqueiros Fuggers, que, por 60 anos, até 1604, usou centenas dessas cartas para definir a quem (e por quanto) emprestar dinheiro, é emblemático da época. Alguns jornais foram criados, nos séculos XVIII e XIX, exatamente para permitir que empreendedores informassem à comunidade os produtos ou serviços que tinham para vender. Muitos não passavam de compilados de listas de preços, por vezes sem conteúdo editoria. (STERLING, 2009 *apud* SEGALA & SPANNENBERG, 2017, p. 7)

E, é assim que surge e se desenvolve o jornalismo económico, que como o passar do tempo torna-se parte de cobertura jornalística no mundo, conhecida atualmente.

2.2 Jornalismo Económico em Moçambique

O contexto histórico do jornalismo económico está ligado ao surgimento da imprensa no país, uma vez que, os assuntos ligados a economia, na sua variada compreensão têm espaço de narração. No contexto Moçambicano, “a imprensa de Moçambique História e Catálogo 1854 – 1975” é uma das poucas obras que retratam o panorama económico do jornalismo no país com maior relevância e precisão.

Como já dissemos, há notícias de atividade maçónica em Moçambique desde a passagem do século XVIII para XIX, em ligação com a ilha da França (Maurícia), a cidade de Cabo e Niterói (Rio de Janeiro), por força da trilateral económica traçada pelos barcos negreiros entre Moçambique, as ilhas francesas do piloto, alguns dos quais franceses e a mor deles liberais, circulavam as ideias e os livros, directivas para conventículos ou conjuntas, quando não mesmo sob proteção dos amadores ou seus mandados, os homiziados políticos. Mas a primeira notícia de uma loja formalmente instalada em Moçambique com ligações a Portugal data de 1840. Segundo José

Bernardo Ferrera, é a partir de 1888 que chegam a Moçambique alguns maçons dinâmicos e imbuídos do ideal do republicano que ali vão lançar bases de um a burguesia colonial, tendo mais tarde fundado a sociedade recreativa 1º de janeiro em 1898, dois anos mais tarde oficializaram a primeira loja maçónica.

É assim que em 20 de outubro de 1900 aparece em Lourenço Marques (atual Maputo) o segundo jornal Republicano da colónia (O Português), dirigido por Clemente Nunes de Carvalho e Silva, Manuel Morais dos Santos e José Ribeiro Garrido, todos ligados à Sociedade 1º de janeiro. Anunciavam-no como Semanário independente, noticioso, literário e comercial, Órgão dos interesses das colónias portuguesas. O primeiro fora designado Vida Nova.

As suas acuações nas denúncias de irregularidades cometidas pelos dirigentes municipais deram brado... e Livro! Publicados onze números de “O Português”, logo foi suprimido pelo governador-geral, Manuel Gorjão. Poucos dias depois da suspensão, os mesmos, mais José Augusto Ferreira, lançam um novo semanário retirando o artigo inicial, designando-se “português”, fechando as oficinas e suprimido, outra vez pelo mesmo governador a 29 de Agosto de 1901. Todavia, a 26 de janeiro de 1902, o mesmo Clemente Nunes de Carvalho e Silva, com José Maria de Andrade e Luciano Félix, este último negociante maçom, publicam o primeiro número de “O Progresso de Lourenço Marques”, sem contudo mudar a sua linha editorial “semanário independente, noticioso, literário e comercial – Órgão dos interesses da colónia portuguesa”. Suspenso, outra vez, a 4 de abril de 1905. Ainda no mesmo mês, Clemente Nunes lança “A Portuguesa”, suspensos após a primeira edição. (ROCHA, 2000, pp. 79-83)

Em meio ao cenário contínuo de suspensões iam surgindo outros jornais: “Mignon” de João de Carvalho (21 de abril a 19 de maio de 1905), “O distrito” (1904 – 1905) “Progresso de Lourenço Marques” de Clemente de Carvalho, Luciano Félix e João António (1906), suspenso a 26 de dezembro desse ano pelo governador Geral Alfredo Andrade. E no acto da vandalização e destruição da tipografia, Clemente Nunes foi agredido e, posteriormente perdeu a vida.

Na sua obra “*A comunicação empresarial em Moçambique*”, Leandro Paul ao falar sobre o jornalismo económico no país advoga, que depois do período da politização da imprensa (1975-90), o jornalismo económico estava esquecido, tendo ressurgido com os direitos e liberdades assegurados na nova constituição.

Fiz uma primeira abordagem, ao propor um suplemento económico no principal diário moçambicano, o “Notícias”. Acho que, nessa altura, não entenderam o conceito e não me levaram a sério. Tentei, então, o único semanário privado que havia nascido poucos meses antes, o “Savana”, cujas páginas eram, no começo, inteiramente dedicadas à política, cultura e desporto. Nada de economia. Aceitaram o meu projecto, sob algumas condições, aliás bastante rígidas: assegurar a sustentabilidade do suplemento, através da angariação de publicidade e, não só, dando, adicionalmente, lucro à empresa proprietária do jornal, a Mediacoop. (PAUL ET ALL, 2016, p. 26)

Com o passar do tempo, a cobertura da media de assuntos de economia tornava-se cada vez mais presente até chegar ao ritmo de publicação visto atualmente.

2.3 Contributo Social do Jornalismo Económico e sua relação com os princípios de redação

Independentemente do contexto geográfico ou sociopolítico, as narrativas jornalísticas sobre temáticas económicas são de extrema importância para o desenvolvimento da sociedade, bem como orientadoras na criação e estruturação de políticas de desenvolvimento e crescimento económico, aliás, ainda que «indirectamente, a economia influencia na rotina dos indivíduos e da sociedade de forma geral» conforme Righetti & Krauss (2012, p. 10).

Kucinski (1996, p. 21) na sua abordagem atenta-se para generalidade e o impacto da colectividade, por isso, o jornalismo económico deve primária e obrigatoriamente “Fornecer dados que ajudem a prever o nível de atividade económica. Sua dimensão impede que apenas os grupos mais fortes, detentores próprios de informação, possam se antecipar às mudanças de fase de economia”.

O comportamento (positivo ou não) de um empreendimento ou negócio pode provocar oscilações significativas para a sociedade trazendo impactos directos e indirectos para vários intervenientes. Para tal (KUCINSKI, 1996 *apud* KUCINSKI, 1996, p. 21), defende “A democratização desse tipo de informação democratiza a própria economia e contribui para sua maior eficiência. No entanto, o jornalista deve fazê-lo criteriosamente, interpretando as estatísticas e evitando provocar pânico nos mercados financeiros”.

Este fato revela ser importante o uso de técnicas e estratégias de redação jornalística que permitam uma maior precisão nas informações e clareza na linguagem.

A aquisição de poder simbólico do jornalista referência no campo económico — que se situa em um dado lugar de autoridade para analisar os fatos dessa área — passa por estratégias de construção de um texto jornalístico com capacidade de transmitir a informação de economia de forma objetiva, para ser assimilada pelo leitor, telespectador ou ouvinte. (LENE, 2013, p. 127)

O papel do jornalismo económico está intrinsecamente ligado ao perfil dos profissionais desta área de comunicação social, pelo que a descrição das competências de jornalistas económicos mostra-se necessária.

2.4 Perfil profissional dos jornalistas de economia

Segala & Spannenberg (2017, p. 3), partem do pressuposto de que “para cobrir bem os assuntos de economia é preciso ter certa – ou mínima – proximidade com números e planilhas, verifica-

se que o domínio de técnicas, práticas e ferramentas de jornalismo de dados é uma habilidade desejável para os jornalistas da área”.

Paralelamente a Segala e Spannemberg, Silva (2017, p. 67) acresce que os profissionais do jornalismo económico para além da linguagem devem ater-se a precisão e linearidade no texto. Tendo obrigatoriamente que aprofundar os fatos. “Eles têm de ser precisos em tudo o que podem, porque o jornalismo económico faz revelações importantes que afetam toda a gente”. O autor, sublinha que os profissionais precisam de analisá-los de forma inteligente e contextualizá-los de modo útil, pois só, assim o público poderá ser bem informado, entendendo as mudanças, abordagens, contornos e impactos mundo económico no seu dia a dia.

2.5 Os jornalistas económicos e suas fontes

Como em qualquer outra área de jornalismo, as fontes de informação têm um significativo contributo para o exercício da atividade jornalística. No jornalismo económico não é diferente. Como sustenta Lene (2013, p. 423), “os economistas são as principais fontes de informação e de análise que alimentam permanentemente o jornalismo de economia”.

Paralelamente aos economistas, os jornalistas de economia, têm ainda como fontes o governo (Ministério das Finanças), analistas, os dados estatísticos (disponibilizados na sua maioria pelo Instituto Nacional de Estatísticas de Moçambique), o Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), o Banco Mundial (BM), bem como o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Martins (2005, 225), ilustra a parte conflituosa existentes entre jornalistas económicos e suas fontes, principalmente economistas, este primeiro na tentativa de interpretar a informação distorcem-na. Não obstante a alguns conflitos, a autora ressalva a importância do papel de jornalistas de economia no esclarecimento das sociedades a respeito de economia. Ainda assim, Martins (2005, 228) não dissocia o papel de um jornalista generalista a especializado, mas, para a última a sua atenção deve ser acrescida “Saber recolher a informação, tratá-la e passá-la à sociedade de modo que esta seja informada de forma esclarecedora. Este fato irá premiar maior compreensão da sociedade sobre eventualidades económicas, bem assim a participação desta no desenvolvimento económico.

2.6 Características de um texto jornalístico de economia

A natureza de uma narrativa jornalística de economia apresenta muitas alterações quantos a essência dos textos jornalísticos. Em geral, marcados pela objetividade, simplicidade, clareza e precisão.

Francisco (2013, p. 7), defende que todo texto da notícia deve ter quatro elementos essenciais para ser considerado um bom texto: a objetividade, a concisão, a precisão e a clareza. Aliás, a simplicidade e a clareza são dois princípios fundamentais da linguagem jornalística. Pois, a simplicidade objetiva-se o alinhamento dos fatos uns a seguir aos outros e não da integração uns nos outros. Já com a clareza procura-se conduzir o leitor a compreensão dos fatos sem tropeçar nas palavras, conclui a autora.

Para Sousa (2001, p. 121):

As características do texto jornalístico impõem o domínio da língua e da sua gramática, bem como das técnicas de redação. É uma consequência inevitável. Podem existir jornalistas extraordinariamente bons a recolher informação e muito maus a enuncia-la. Por isso é que entre as funções dos editores se inscreve, logicamente, a edição dos textos. Mas um jornalista que não saiba redigir com qualidade será sempre um jornalista incompleto, estigmatizado.

A partir desta reflexão de Sousa, percebe-se que em jornalismo não basta escrever, o profissional desta área deve escrever para ser lido, entendido e claramente compreendidos os seus textos. Estando, os mesmos, em conformidade com as técnicas própria da atividade jornalística. Pelo que o autor considera relevante a presença dos seguintes princípios nos textos jornalísticos.

Um texto jornalístico impresso destina-se, primeiramente, a manter informados muitos leitores. Quer se queira quer não, este factor restringe as formas de enunciação jornalística e impõe determinados princípios à escrita. Um texto jornalístico pode proporcionar uma leitura mais ou menos amena, pode até fazer brotar uma gargalhada dos lábios do leitor, ou comovê-lo até às lágrimas, pode fugir às formas rotineiras de elaborar as mensagens. Mas não deve perder de vista os princípios régios da enunciação jornalística. É aferindo essas qualidades que se julga, em princípio, a qualidade do texto jornalístico. Sousa (2001, p. 121)

Embora o autor elenque 14 pressupostos como bases para a redação de um texto jornalísticos, designadamente Princípio da correção, clareza, simplicidade, funcionalidade, concisão, precisão, sedução, rigor, eficácia, coordenação, seletividade, utilidade, interesse e hierarquização. Julgou-se importante descrever os seis mais usados, ainda na concepção de Sousa:

1. **Princípio da correção** - Um texto jornalístico deve respeitar as regras gramaticais. E deve, igualmente, obedecer às normas de estilo em vigor no jornal. Mas, acima de tudo, deve ajustar-se à realidade, contando bem o que há para contar, com intenção de verdade;
2. **Princípio da clareza** - Um texto jornalístico tem de ser construído e organizado de maneira a ser facilmente acedido e compreendido, sem dúvidas ou ambiguidades;
3. **Princípio da simplicidade** - A linguagem do texto jornalístico deve ser simples. Isto significa, por exemplo, que entre sinónimos deve preferir-se o mais comum e que as frases devem respeitar a ordem sujeito - predicado - complemento, desde que esta opção não represente uma sobrecarga estilística;
4. **Princípio da concisão** - Um texto jornalístico não pode ser prolixo. Pelo contrário, deve ser económico. "Escrever é cortar palavras" é uma máxima a respeitar. Para dizermos que o Presidente da República recebeu o primeiro-ministro em audiência não é preciso referir que o chefe do Governo usava um fato cinzento;
5. **Princípio da precisão** - Cada palavra deve ser escolhida de acordo com o seu valor semântico. As fontes devem ser claramente identificadas, excepto se necessitarem de anonimato, e desde que se respeitem as regras deontológicas e as normas em vigor no jornal. Os acontecimentos e as ideias devem ser descritos com pormenor, mas sem chegar ao irrelevante; e
6. **Princípio da eficácia** - Um texto jornalístico deve construir-se de maneira a que o essencial seja imediatamente apreendido.

A simplicidade e clareza, associado aos outros princípios de redação jornalística vão possibilitar maior acessibilidade e compreensibilidade dos textos informativos para um público amplo e diverso.

2.7 A linguagem tecno-económica ou «O Economês»

Paralelamente aos princípios trazidos no tópico anterior como ferramentas que possibilitam maior e melhor compreensão de textos económicos, o «economês» - uso indevido de termos técnicos e vocabulário difícil no jornalismo económico, própria de especialistas em economia constitui o principal factor que condiciona a descodificação de textos informativos sobre economia. Conforme sustenta (DINES, 1974 *apud* TAVARES, 2014, p. 17), «os termos técnicos criam obstáculos para a interpretação da notícia descumprindo a missão jornalística». Dines

acrescenta ainda que a utilização do «economês» pelos jornalistas «contribui para a desinformação dos leitores e não o contrário».

Tal como Denis, (AMARAL 1986 *apud* TAVARES, 2014, p. 18), olha para a utilização de jargões e termos específicos da economia menos produtivos, na medida em que o leitor não absorve informação suficiente para debater posteriormente sobre o fato, menos ainda se posicionar diante dos acontecimentos. Esclarecendo, ainda que «a condição essencial da informação jornalística é que deve ser clara e objetiva independentemente do assunto tratado, com linguagem que esteja ao alcance de todas as classes e sem termos técnicos». Na mesma perspectiva estão Sidnei Basile, Suely Caldas e Bernardo Kucinski, que por sua vez, são consensuais em atribuir a media o dever de traduzir a linguagem tecno-económica, em suas palavras jargões económicos. Pois para as fontes trata-se de conceitos muito familiares, mas o mesmo não se pode afirmar dos jornalistas, muito menos dos leitores.

(DINES 1996 *apud* FRANCISCO, 2013, p. 13), relaciona a presença da linguagem técnica nos textos informativos de economia a forte influência das fontes desta editoria jornalística.

As informações da área económica eram obtidas junto aos tecnocratas que utilizavam uma linguagem conceitual de difícil compreensão para o público leitor, e muitas vezes os jornalistas reproduziam as informações tal como lhes eram transmitidas, sem decodificação, com apenas algumas adaptações para a linguagem comum.

Caldas (2003, p. 16) ao fazer uma leitura e análise do panorama brasileiro, acredita que a formação superior e as contínuas capacitações sobre a editoria na qual o profissional estiver enquadrado dão aos jornalistas técnicas para atuarem como melhores mediadores entre a sociedade e as diferentes esferas ou áreas sociais. Todavia, Lage acresce e assegura que a formação e a editoria não têm em vista tornar o jornalista cientista dessa mesma editoria, antes mediador com responsabilidade social a fim de garantir a eficácia das informações e evitar várias interpretações, numa margem muito grande. “A tarefa da reportagem especializada em ciência e tecnologia é transformar conhecimento científico-tecnológico em informação jornalística. Isso compreende alguns objetivos específicos” LAGE (2017, p. 54)

Kucinski (1996, p. 18), um dos conceituados autores sobre o jornalismo económico, assegura que a presença do economês não deve ser justificada por questões de segregação do público, pois, a economia e as políticas económicas, pelo seu impacto social e político, devem ser regidas e difundidas pelos critérios de interesse social.

Na linguagem especializada, por se tratar de áreas técnico-científicas, existe a predominância do uso da linguagem escrita e conseqüentemente, de gráficos, figuras e ilustrações que representam visualmente o conteúdo dos textos. Siglas, fórmulas e outros símbolos também são empregados com o objetivo de elucidar ou sintetizar um termo. Francisco (2013, p. 7)

2.8 Quadro teórico conceptual

Nesta secção do trabalho dedicar-nos-emos a apresentar os principais conceitos norteadores da pesquisa, que constituem o objeto de estudo, bem como procederemos com a discussão das diferentes abordagens teóricas em torno do tema fundamentais para a sua compreensão.

Nesta fase, vão ser apresentados os principais conceitos e teorias a serem abordados na presente pesquisa. Para melhor compreensão dos tópicos serão definidos os conceitos chaves desta pesquisa: jornalismo económico, economia, linguagem técnica, matérias jornalísticas, matérias económicas,

Jornalismo económico

Para (QUINTÃO 1987 *apud* SEGALA & SPANNENBERG, 2017, p. 3), designa-se jornalismo económico «a difusão da notícia e da análise de economia e dos assuntos financeiros, através dos meios de comunicação». Todavia, Lene (2013, p. 100), ao conceituar o jornalismo económico atenta-se ao perfil dos profissionais desta área, descrevendo-os como profissionais cujo papel consiste na tradução de linguagem económica em narrativas para o público em geral. Para a autora

...essa “tradução” faz-se necessária porque, ao contrário do jornalista, que deve ter capacidade de falar de forma clara, o vocabulário usado por economistas, o “economês”, é hermético e legitima o capital simbólico desse profissional, que detém um saber esotérico, para iniciados na área. (LENE, 2013, p. 100)

Para efeitos desta pesquisa o conceito jornalismo económico deverá ser entendido como políticas e ações económicas, ou ainda qualquer temática social, política, cultural analisada numa perspectiva económica, dando-se ênfase as mudanças, leituras e contornos económicos sobre as mesmas.

Economia

Entende-se como a «ciência social que estuda como o indivíduo e a sociedade decidem empregar recursos produtivos escassos na produção de bens e serviços, de modo a distribuí-los

entre as várias pessoas e grupos da sociedade, a fim de satisfazer as necessidades humanas». Vasconcellos & Garcia (2005, p. 2)

Linguagem Técnica

Para Francisco (2013, p. 7), denomina-se linguagem técnica ou especializada o conjunto de regras, unidades e restrições que não fazem parte do conhecimento da maioria das pessoas, caracterizado comumente por siglas, acrônimos em forma de códigos. O fato de ser uma linguagem própria de determinada área do conhecimento explica a adjetivação técnica ou especializada, restritas a comunicação entre especialistas e estudiosos de determinada área.

Faulstich (2004, p. 48) denomina a linguagem especializada a utilização de vocabulário técnico, sendo capaz de determinar a área ou o grupo de certos profissionais, podendo ser usada como sinônimo de linguagem ou termos técnicos ou ainda jargões, sendo por isso contrário a linguagem comum.

Em economia ou jornalismo econômico, constituem expressões técnicas a utilização de palavras como: **Siglas:** PIB, PNL, PNB, PIL, Renda Per capita, **palavras estrangeiras:** Superavit e, Deficit; **substantivos:** Recessão, incremento, desaceleração, juros, câmbio, etc.

Matéria Jornalística

De acordo com o Dicionário Porto Editora (1956, p. 1074), a palavra matéria representa ao conjunto de assuntos, disciplinas ou informações a serem abordados, tendo como sinônimos, tangível, físico ou não espiritual, mas tem-se também como sinônimo de texto informativo, perspectiva que a expressão terá para referir textos jornalísticos.

Por já ser ter definido e chegado ao conceito de textos jornalístico, para efeitos desta pesquisa a expressão matéria econômica deverá ser entendida como qualquer texto informativo que trate de assuntos ligados a economia.

Utilização

O conceito utilização, embora comum tem o seu significado amplo e até certo ponto complexo, sendo utilizado como sinônimo de uso.

O Dicionários Online (Fonte de Informação) e o Site Ciberdúvidas (Gouveia, 2004) definem o conceito usar como ter por hábito, trajar, pôr em uso, e utilizar como o mecanismo de tornar útil, a forma de empregar, ou seja, o modo como vai ser utilizado ou aplicado um certo bem, termo ou produto. E, é nesta abordagem que o conceito será usando para expressar o modo em que os termos aplicados.

2.9 Quadro Teórico

O presente estudo terá como orientação teórica a abordagem construcionista da realidade “teoria construtivista”, na concepção de Sousa 2002.

Teoria construtivista

Também designada teoria construcionista, esta linha de investigação que surgiu nos anos 70 concebe as notícias como uma construção da realidade, pelo simples fato de resultarem de um complexo processo de interação entre o jornalista, suas experiências, convicções pessoais e sociais, e relação estabelecida com as fontes.

A teoria construcionista mostra-se relevante, para esta pesquisa, pois explica a forma como as informações são apresentadas, reconhecendo a influência de vários factores, desde pressão para a publicação das matérias ou ainda pressões externas e factores transorganizacionais. Admitindo, assim, que qualquer processo de produção de informações passa pela influência de uma diversidade de factores. Ou seja, o tratamento ou a construção dos textos será resultante desse processo, nisto, inclui-se a forma como serão apresentados os textos, o tipo de linguagem, como é o caso deste estudo.

Aliás, de acordo com Sousa (2002, p. 5) as “notícias são histórias que resultam de um processo de construção, linguística, organizacional, social, cultural, pelo que não podem ser vistas como o espelho da realidade, antes são artefactos discursivos não ficcionais”.

Embora a teoria construcionista apresenta duas vertentes: Estruturalista e a Interacionista, ambas olham para as notícias como uma construção, não obstante o fato de, na primeira, de acordo com Sousa (2002, p. 5), as notícias reproduzem a ideologia dominante e legitimarem o *status quo* uma vez que os jornalistas e os media não têm muita autonomia, cultivam uma cultura rotinizada e burocratizada e estão sujeitos ao controle da classe dominante, proprietária dos meios de comunicação.

Enquanto, na perspectiva interacionista, a teoria construtivista olha para as notícias como resultado de um processo de percepção, selecção e transformação de acontecimentos, realizado por profissionais relativamente autônomos, que compartilham uma cultura comum e sujeitam-se aos “constrangimentos organizacionais, os enquadramentos e narrativas culturais que governam a expressão jornalística” Sousa (2002, p. 5). De acordo com esta vertente, os jornalistas vivem sob tirania do factor tempo, sendo o seu desafio quotidiano ter de elaborar um produto final (notícia) todos os dias. E essa pressão “tirania da hora do fecho”, obriga de acordo com Tranquina (2005, 107), ainda mais as empresas a elaborarem estratégias para fazer face ao desafio colocado.

Dentro da teoria construcionista, este estudo terá como marco interpretativo guia a perspectiva interacionista na medida em que se atribui maior autonomia ao jornalista, reconhecendo-se a influencia de factores de varia ordem advindos da interação jornalística. Outro factor que torna relevável esta perspectiva é o ponto de discussão que se depreende com questões de linguagem, influências intra, inter e transorganizacionais, como objeto desta pesquisa.

3 CAPÍTULO III- METODOLOGIA

Por ser qualquer pesquisa um processo não totalmente controlável ou previsível exige uma metodologia, ou simplesmente a escolha do caminho ou percurso que vai levar o pesquisador ao destino. Aliás, é a pesquisa a procura de resposta para as indagações propostas mediante o emprego de procedimentos científicos (metodologia).

Os caminhos traçados para a resposta da pergunta de partida e o alcance dos objetivos definidos iniciam com a escolha do tipo de pesquisa a efetuar, a definição da amostragem, a descrição do instrumento de coleta de dados, definição da respectiva técnica da análise de dados e a definição das categorias de análise. Ao fim destas etapas, seguem-se as considerações éticas da pesquisa.

3.1 Tipos de pesquisa

De acordo com Prodanov & Freitas esta variável observa quatro categorias:.

3.1.1 Quanto à natureza

Segundo Prodanov & Freitas (2013, p. 66), nesta categoria a pesquisa ser: básica - quando objectiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista, envolvendo verdades e interesses universais; Ou aplicada quando objectiva gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigidos à solução de problemas específicos, geralmente trata de verdades e interesses locais.

Para o presente trabalho, é escolhida a pesquisa básica na medida em que se pretende compreender uma determinada situação específica e situadas em determinado contexto temporal e espacial, não havendo espaço para aplicação, antes gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência.

3.1.2 Quanto aos objectivos

De acordo com Prodanov & Freitas (2013, p. 67), os tipos de pesquisa quanto aos objectivos, podem ser três, a saber: pesquisa exploratória, quando objectiva proporcionar mais informações sobre o assunto investigado; descritiva, quando o pesquisador apenas regista e descreve os fatos observados, sem interferir neles; e explicativa quando um estudo visa assinalar todos os factores que concorrem, determinam ou contribuem para a ocorrência de determinados fenómenos.

a pesquisa classificar-se-á do ponto de vista do seu objetivo como explicativa pois “a preocupação central identificar os factores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenómenos”, aprofundando o conhecimento da realidade porque explica a razão, o porquê das coisas, o porquê dos jargões Gil (2002, p. 42).

3.1.3 Quanto aos procedimentos técnicos

Quanto aos procedimentos técnicos, isto é, a maneira pela qual serão obtidos os dados necessários para a pesquisa. Embora a literatura apresente vários modelos conceptuais e operativos (delineamento da pesquisa), para a efetivação da presente pesquisa foram escolhidos os procedimentos técnicos, pesquisa bibliográfica, análise de conteúdo e levantamento.

A escolha da pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base em material já existente, (livros e artigos científicos, jornais, revistas), assenta-se na necessidade de se obter contribuições científicas realizadas no passado sobre o assunto em estudo. Prodanov & Freitas (2013, p. 69).

A análise de conteúdo foi escolhida de modo a servir de complemento no alcance do objetivo geral do trabalho pois, “permite a descrição sistemática e objetiva do conteúdo da comunicação”. Lakatos & Marconi (2003, p. 107)

Para consolidar a pesquisa bibliográfica e de análise de conteúdo, o estudo vai se valer da técnica de pesquisa de levantamento, relevante “quando a pesquisa envolve a interrogação directa das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer”, sendo usados instrumentos como: Questionário, entrevista e formulário. Gil (2002, p. 50).

Para esta variável no estudo, será usada a entrevista (despadronizada ou não-estruturada), por ser mais aberta, acredita-se que concederá ao pesquisador variados dados que possam explicar o problema da pesquisa, explorando mais amplamente questões basilares do estudo.

3.1.4 Quanto à forma de abordagem do problema

No que concerne à variável forma abordagem do problema, o tipo de pesquisa pode ser quantitativo ou qualitativo. Designa-se pesquisa quantitativa aquela que se delinea sob uma perspectiva numérica, ou seja, considera que tudo pode ser quantificável, reduzindo opiniões e informações em números, para desse modo classificá-los. Prodanov & Freitas (2013, p. 70).

No entanto, a qualitativa não faz uso de dados, apenas “compreende a relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” Prodanov & Freitas (2013, p. 70).

A pesquisa qualitativa prima por atribuir significados directamente aos fenómenos. Para este trabalho será aplicado o método de abordagem qualitativa, por essencialmente objetivar compreender a utilização de linguagem técnica em matérias jornalísticas sobre economia, não havendo relevância alguma em utilizar dados estatísticos como o centro do processo de análise do problema.

3.2 Categorias analíticas

O levantamento das categorias de análise do presente trabalho é efetuado com base na leitura das abordagens e perspectivas do jornalismo económico sob olhar de Suel Calda na obra, “Jornalismo Económico”, publicada em 2003 associadas a visão teórica de Jorge Pedro Sousa sobre abordagens de redação jornalística. Fazendo alusão ao papel, pauta, relação com as fontes, especialização e elementos éticos no procedimento jornalístico na editoria de economia.

Diante desse conjunto de abordagens e perspectivas concernentes a forma de fazer e escrever o jornalismo de economia, foram levantadas as seguintes categorias de análise: Tipos de fontes, diversidade de fontes, profundidade das matérias (se existe informação complementar ou não) e princípios de correção.

Fontes de informação

Para Sousa (2001, p. 62), pode ser considerada fonte de informação “toda e qualquer entidade que possua dados suscetíveis de ser usados pelo jornalista no seu exercício profissional”, variando a sua tipologia da abordagem de autor para autor, no entanto Sousa apresenta três grande grupos: **Natureza:** humanas, documentais, eletrónicas; **proveniência:** internas ao órgão informativo (colegas da redação), externas e mistas; **Estatuto:** oficiais estatais, oficiais não estatais (agências de notícias) , oficiosas, informais.

Os três grandes grupos acima descrito, tendo em conta o factor de iteração serão agrupados tipologicamente em dois: Fontes **passíveis de interação** (humanas, especialistas, humanas) e **não interativas** (Documentais), o agrupamento em esses dois grupos deriva também da necessidade de averiguar ate que ponto a as fontes humanas influenciam na utilização ou não

de expressões técnicas, tendo em conta a possibilidade de interação, em detrimento das não interativas (estudos, relatórios estatísticos).

Diversidade de fontes

Embora nesta pesquisa o conceito diversidade possa ser utilizado como sinónimo de pluralidade, é importante reconhecer as diferenças entre os conceitos, pois, pluralidade de acordo com o Dicionário de Língua Portuguesa (2005, pp. 1300 – 561) refere-se à “existência ou indicação de mais de uma unidade”, entretanto, diversidade conceitua-se ao “elemento que apresenta várias abordagens ou perspectivas”, sendo este último olhando num sentido contraditório.

Profundidade das matérias

De acordo com o Dicionário de Língua Portuguesa (2005, p. 1344), o termo profundidade é referente a “qualidade do que vai muito ao interior, deixando de ser superficial”. Sousa (2001, p. 83) ao falar sobre o conceito concebe-o com a combinação de entrevistas ou dados a fim conseguir informações que lhe permitam tratar e enriquecer história (notícias). Neste sentido, tomar-se-á como análise de profundidade a complementaridade e distribuição da informação ao texto.

princípios de correção

Para Sousa (2001, p. 122) a correção na redação jornalística assenta-se na necessidade da observância das regras gramaticais, bem assim “as normas de estilo em vigor no jornal. Mas, acima de tudo, deve ajustar-se à realidade, contando bem o que há para contar, com intenção de verdade.”

3.3 Amostragem

A literatura, no tocante a metodologia atenta-se para dois tipos de amostras: probabilística quando se apoiam em cálculos estatísticos, e não probabilística quando composta de forma acidental ou intencional. Freitas & Prodanov (2013, p. 98) pontua que a amostra não probabilística pode ser: por acessibilidade ou por conveniência; intencionais ou de selecção racional e amostra por quotas. Já a probabilística pode ter cinco variáveis: aleatórias simples, casuais simples, casuais estratificadas, por agrupamentos e por etapas.

Para esta pesquisa foi escolhida a amostra por acessibilidade ou por conveniência, visto que, no estudo, o pesquisador selecionou os elementos a que teve acesso, admitindo que esses possam, de alguma forma, representar o universo. Aliás, para esta pesquisa a amostra por acessibilidade é a mais eficiente pois o objetivo consiste na análise de específicas matérias numa abordagem qualitativa do estudo. Tem-se como amostra 27 matérias sobre economia publicada por cada media em estudo entre os anos 2019 a 2021.

3.4 Considerações éticas da pesquisa

A ética vista geralmente como correta conduta humana ou princípios sistemáticos da conduta moralmente correta, tem o seu grau de relevância em pesquisas continuamente crescendo, tendo em conta o valor o benefício que uma pesquisa pode proporcionar. A preocupação resulta da necessidade de acordo com Prodanov & Freitas, princípio e visão de bem comum da sociedade como: respeito aos direitos autorais, honestidade intelectual, o manejo das informações, etc.

A Ética na pesquisa científica para Prodanov & Freitas (2013, p. 45) indica que o estudo em questão deve ser feito de modo a procurar sistematicamente o conhecimento, por observação, identificação, descrição, investigação experimental, produzindo resultados reprodutíveis, realizado de forma moralmente correta.

Em razão disso, neste estudo serão acauteladas questões éticas de pesquisa, por assim dizer não serão apresentados dados (nomes ou informações) que coloquem em causa a integridade física ou jurídica de qualquer interveniente. No caso de entrevista será elaborado um termo de consentimento a ser assinado pela fonte como forma de assegurar ou confirmar as declarações, sem prejuízo de outros valores.

4 CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo são apresentados os resultados do estudo em função das categorias definidas no capítulo anterior. Numa primeira fase, apresentaremos os dados referentes a cada jornal analisado, começando pelo diário Notícias e O País, num universo de vinte e sete por media.

Tal como já referenciado no campo metodológico, a análise de conteúdo dos artigos de cada media teve como base as seguintes categoria de análise: tipos de fontes, diversidade de fontes, profundidade das matérias (se existe informação complementar ou não) e princípios de correção. Durante a consulta, procurou-se apurar ou verificar a presença dos critérios, em cada análise.

4.1 DISCRICÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS MATÉRIAS

Categoria - Fontes de Informação

Jornal Notícias

Neste jornal, verifica-se uma igualdade na utilização de fontes não e interativas, contudo fontes não interativas apresentam maior distribuição de dados, em alguns casos complementaridade de informação. Geralmente economistas são que complementa a informação publicada em relatórios, estudos, consultores ou fundos económicos fazendo previsões, análises, balanços ou ainda outras variáveis de economia.

Para o caso de fontes interativas pôde-se encontrar duas perspetivas. Por um lado, para matérias essencialmente de economia há mais utilização de expressões técnicas e menos complementaridade das matérias que em textos de importância económica (mesmo de carácter social, político ou cultural). Aliás, (DINES 1996 *apud* FRANCISCO, 2013, p. 13), relacionando a presença da linguagem técnica nos textos informativos de economia a forte influência das fontes desta editoria jornalística, explica que:

As informações da área económica eram obtidas junto aos tecnocratas que utilizavam uma linguagem conceitual de difícil compreensão para o público leitor, e muitas vezes os jornalistas reproduziam as informações tal como lhes eram transmitidas, sem decodificação, com apenas algumas adaptações para a linguagem comum.

A utilização de Jargões não constitui um mecanismo de segregação de público alvo, mas é efeito da forte influência das fontes de informação, até porque como lembra Kucinski, um dos

conceituados autores sobre o jornalismo económico, a economia e as políticas económicas, pelo seu impacto social e político, devem ser regidas e difundidas pelos critérios de interesse social.

Quando se estabelece uma relação entre a utilização de termos técnicos com a natureza das fontes, verifica-se uma similaridade na escrita e utilização dos termos, ora vejamos, os textos técnicos de maior profundidade e menor utilização de expressões técnicas são de relatórios descritivos e detalhados, os outros são unicamente textos escritos a base de fontes humanas de âmbito social (geralmente sem uso de termos técnicos).

Para as fontes humanas, quando de âmbito social os textos são mais acessíveis e menos técnicos, contudo, quando as fontes são técnicas mesmo sendo humanas (Ministério da Economia, Economistas, Analistas Económicos), estes tendem a apresentarem-se como técnicos.

Curiosamente, a simplificação dos textos a base de fontes documentais, não é genérica como a social, o que não fica claro pela análise de conteúdo. Para o editor da sessão de Economia do Jornal Notícias, a simplificação depende muito do tipo de documentos.

As fontes documentais, quando se trata de um relatório dependendo do tipo de relatório, se for de contas tem um parecer dos auditores a mensagem da organização, a demonstração financeira, apresentam mais detalhes. Mas o jornalista deve estar a altura de interpretar as informações que constam lá. Há uma linguagem fortemente contabilística, não é muito uma linguagem jornalística, há esse exercício de o jornalista estar a altura de interpretar esses elementos que estão lá elencando nos relatórios. E algumas vezes pode recorrer a especialistas para fazer a análise, incluindo a interpretação de algumas expressões técnico-contabilísticas. transmitido ao leitor de forma simples, o relatório de contas, mas para organizações que fazem resumos de forma técnicas (BC) o exercício do jornalista é dobrado, devendo simplificar os jargões de contacto com fontes técnicas (economistas, por exemplo). (MUNGUAMBE, 2023). Entrevista concedida a António Francisco Miambo a 15 de Junho de 2023, na sala de reuniões da Editoria de Economia do Notícias.

Embora a concepção mãe do jornalismo económico seja de impulsionar o desenvolvimento e o progresso através de análises e leituras sobre a realidade económica, conforme (ERBOLATO, 1981). A editoria do jornalismo económico por ser composta acentuadamente por neologismos, palavras estrangeiras, siglas, índices e jargões torna a tradução um contínuo desafio para os profissionais. Para o jornalista e editor de economia do noticia:

Há expressões que não tem uma tradução literal na linguagem corrente, naturalmente que o jornalista não tem muitas margens para trocar as expressões, há linguagem que por vezes, estão na língua inglesa e a tradução para a portuguesa não complementa na essência aquilo que se pretende dizer, aí o jornalista vai ter que usar a própria palavra

que é mais usada na atividade económica. Mas a luta, sempre, é de simplificar a informação, o que é recomendável para informar o leitor. (MUNGUAMBE, 2023). Entrevista concedida a António Francisco Miambo a 15 de Junho de 2023, na sala de reuniões da Editoria de Economia do Notícias.

Jornal “O País”

No tocante ao tipo de fonte de informação tem-se duas subdivisões: Fontes **passíveis de interação** (humanas, especialistas) e **não interativas** (Documentais).

No caso dos textos analisados, foi possível encontrar mais o uso de fontes não interativas, desde relatórios do banco de Moçambique, INE-Moçambique, FocusEconomics e outras entidades. Curiosamente, matérias produzidas à base de fontes não interativas apresentam uma maior distribuição de dados, complementaridade de informações e certa diversidade de fontes, que possam, quer complementar, quer contrapor.

No jornal “O País”, há uma certa relação entre o tipo de fontes com o tratamento dado pelos profissionais, desde a busca de outras fontes para enriquecer o texto, geralmente economistas, acreditando-se que textos a bases de fontes documentais são produzidos com menor pressão temporal,

Os textos a base de fontes humanas, como discursos de dirigentes como o Presidente da República, Governador do Banco de Moçambique, conferências Intracontinental, entre outras atividades que necessitam de certa rapidez a fim de publicar em primeiro, essas matérias, justifica de certo modo a fraca ou inexistente complementaridade e distribuição de dados, principalmente para o caso de *Web* em que é quebrado o factor tempo para publicação havendo maior exigência na publicação. De acordo com a vertente interacionista, vivendo, os jornalistas, sob tirania do factor tempo, sendo o seu desafio quotidiano ter de elaborar um produto final (notícia) todos os dias. E essa pressão “tirania da hora do fecho”, obriga de acordo com Tranquina (2005, 107), “ainda mais as empresas a elaborarem estratégias para fazer face ao desafio colocado”.

Categoria - Agências de informação

Jornal Notícias

Embora se tenha verificado um texto escrito a base de uma agência de informação, sobre a influência destas no uso de jargões no jornalismo económicos, não há qualquer possibilidade para influenciar na forma de na utilização de termos técnicos, devido a natureza da relação existente entre os dois:

.... por não ser possível o jornal estar em vários pontos num mesmo tempo, as agências de informação complementam muito em termo de imediatismo, para o jornal online e impressa, não aparecem como concorrentes, mas para complementar, nem influenciam, pois, os jornais têm os seus objetivos e uma linha editorial estabelecida, alias, as agências partilham informações breves, e os jornais trabalham estas segundo a sua política editorial e critério jornalísticos. (MUNGUAMBE, 2023). Entrevista concedida a António Francisco Miambo a 15 de Junho de 2023, na sala de reuniões da Editoria de Economia do Notícias.

Categoria - Diversidade de fontes

Jornal Notícias e “O País”

Para os dois órgãos, no que concerne a diversidade das fontes, nos textos analisados, poucas vezes, é encontrada a diversidade de fontes, aliás mesmo a questão da pluralidade de fontes em algumas reportagens ou notícia desenvolvida é quase que abstrata (inexistente).

Categoria - Profundidade das matérias

Jornal Notícias

Qualidade do que vai muito ao interior, deixando de ser superficial Dicionário de Língua Portuguesa (2005, p. 1344). Sousa (2001, p. 83) ao falar sobre o conceito concebe-o com a combinação de entrevistas ou dados a fim conseguir informações que lhe permitam tratar e enriquecer história (notícias). Neste sentido, tomar-se-á como análise de profundidade a complementaridade e distribuição da informação ao texto.

A partir da análise feita, verifica-se uma extrema relação entre a profundidade das matérias e as fontes de informação, em que textos produzidos a partir de fontes não interativas apresentam mais informações complementares, muitas vezes para trazer uma abordagem paralela a apresentada no texto ou mesmo para comparar um período com um outro.

Um dado curioso das 13 observações de profundidade, num raio de 27 matérias, é que 7 são textos de âmbito social, embora de cunho económico, sendo que as 6 outras observações são puramente de natureza económica, mas 4 dessas matérias são produzidas a base de relatórios descritivos, comparativos e analíticos, o que por um lado explica a profundidade das matérias.

Nas fontes documentais, de acordo com (Munguambe, 2023, Entrevista concedida a António Francisco Miambo a 15 de Junho de 2023, na sala de reuniões da Editoria de Economia do Notícias) “há relatórios que têm parecer de auditores, demonstrações financeiras, sendo os que apresentam mais detalhes”, aliás, em certos casos, pôde-se verificar a existência de textos como mais de duas referências, referentes ao um só relatório, desde posicionamento de auditores, projeções económicas, economistas e, em certos textos representantes políticos.

No que diz respeito à distribuição de dados pelo texto, este jornal tem feito uma distribuição equitativa e linear dos dados pelo texto, independentemente do tipo de fontes.

Jornal “O País”

Qualidade do que vai muito ao interior, deixando de ser superficial conforme o Dicionário de Língua Portuguesa (2005, p. 1344). Sousa (2001, p. 83) ao falar sobre o conceito concebe-o com a combinação de entrevistas ou dados a fim conseguir informações que lhe permitam tratar e enriquecer história (notícias). Neste sentido, tomar-se-á como análise de profundidade a complementaridade e distribuição da informação ao texto. Aliás, por se tratar de um documento físico com conclusões expressas com possibilidade de pluri-abordagens (diferentemente de anotações ou gravações feitas para fontes interativas) o jornalista tem mais disponibilidade de dados e informações, cabendo ao profissional fazer a escolha e buscar o complemento da informação.

Em contextos em que um documento é esclarecedor na íntegra, o jornalista pode usar e transformar, mas quando tiver lacunas (precisão, esclarecimento, clareza), vai contactar as fontes (proprietárias da informação ou não – Economistas) para oferecerem mais subsídios sobre os elementos do documento. Nas fontes humanas, geralmente as fontes são figuras com autoridade e representação e abalizadas no assunto, geralmente especializadas. (MUNGUAMBE, 2023). Entrevista concedida a António Francisco Miambo

A partir da análise feita, verifica-se uma extrema relação entre a profundidade das matérias e as fontes de informação, em que textos produzidos a partir de fontes não interativas apresentam mais informações complementares e maior distribuição de dados pelo texto. Fato que pode ser

explicado pela necessidade de complementaridade das matérias em si ou necessidade de interpretação do conteúdo.

Enquanto que para fontes interativas principalmente figuras públicas, o seu nível e poder de representatividade social pode influenciar na não complementaridade das matérias, principalmente, num panorama de contradição. Aliás, Martins (2005, p. 228), falando da relação fontes *versus* jornalistas, reconhece a parte conflituosa e mutuamente interesseira entre os dois campos, principalmente quando se trata de fontes de maior rerepresentatividade, constituindo, este, num factor de grande influência sobre o jornalista, a luz da vertente interacionista da teoria Construcionista.

Por outro lado, a falta de profissionalismo e a praticidade de receber matérias prontas perigam também a profundidade e qualidade da informação, alias “Quanto maior a vulnerabilidade e a preguiça dos jornalistas, mais perigosas podem ser as fontes organizadas e, entre elas, as agências” (PINTO, 2000 *apud* CORREIA, 2010, p. 15).

Para Tranquina (2005, 107), sob as mesmas lentes teóricas, a questão temporal pode justificar a não complementaridade e aprofundamento das matérias, visto que, “os jornalistas vivem sob tirania do factor tempo, sendo o seu desafio quotidiano ter de elaborar um produto final (notícia) todos os dias”. E essa pressão tirania da hora do fecho, obriga de acordo com o autor ainda mais as empresas a elaborarem estratégias para fazer face ao desafio colocado. Sendo, por esta via a pressão, o factor tempo, o poder de representação de fonte em alinhamento com as linhas editoriais do jornal, parte de factores determinantes para o aprofundamento ou não das matérias.

A pressão para a publicação é um factor que, mesmo parecendo menos pontual, tem certo impacto na produção à base de fontes documentais ou humanas. Na primeira, geralmente, há mais dados que sirvam de subsídio ao jornalista para a complementaridade e simplificação dos textos.

Enquanto que para fontes humanas, quando especializadas, o fluxo de uso de jargões pode ser muito expressivo, e associado à necessidade de publicação imediata (*Web*) ou breve (jornal impresso), os textos podem ser mais técnicos.

As fontes documentais oferecem maior rapidez na divulgação, os documentos são trabalhados no momento, sendo no digital, a informação é publicada. A oral, nalgum momento, pode não ser contactada naquele momento, mas o jornalista deve estar preparado para da evasão ao assunto. (MUNGUAMBE, 2023). Entrevista

concedida a António Francisco Míambo a 15 de Junho de 2023, na sala de reuniões da Editoria de Economia do Notícias.

O jornal diário tem certa pressão, daí que é preciso um pouco de vontade, compromisso do próprio jornalista em trazer os fatos em tempo útil, a partida, já há uma pressão para garantir que em para que 24 hora a informação é preciso possa estar publicada. depois a matéria possa estar. Por outro lado, tendo em conta as plataformas digitais, há sempre necessidade de informar em tempo real os acontecimentos. **Idem.**

Categoria - Princípios de correção

Jornal Notícias e “O País”

Para Sousa (2001, p. 122), a correção na redação jornalística assenta-se na necessidade da observância das regras gramaticais, bem assim “as normas de estilo em vigor no jornal. Mas, acima de tudo, deve ajustar-se à realidade, contando bem o que há para contar, com intenção de verdade.”

Relativamente a esta categoria, os dois órgãos, não apresentam, no geral, graves problema de cariz gramatical, um e outro apresenta problema de regência verbal, outro de pontuação (geralmente sobre vírgula).

Abaixo análises gerais do Notícias, tendo em conta as categorias de análise:

Jornal Notícias

Matéria 1: BAD prevê crescimento de 4% para África 18 de Janeiro, 2019

Trata-se de uma matéria referente a previsão do Banco africano de Desenvolvimento de crescimento da economia do continente africano em 4%.

Na matéria do artigo verifica-se a complementaridade de informação e diversidade de fontes, contudo os parágrafos explicativos, muitas vezes são redundantes, visto que trazem ideias anterior ente ou posteriormente expressas.

A principal fonte desta matéria é uma fonte não interativa, relatório “Perspetivas Económicas Africanas 2019”, que serviu de base para a informação, tendo como complemento dados da mesma fonte documental, para dar mais subsídios a matéria como o posicionamento do antigo

Ministro da Agricultura da Nigéria. No geral, o texto apresenta uma construção jornalística, com parágrafos curtos e rigor na observância aos princípios da gramática normativa. Até porque um texto jornalístico “pode proporcionar uma leitura mais ou menos amena, pode entreter, comover. Mas não deve perder de vista os princípios régios da enunciação jornalística. Porque são essas qualidades que se julga, em princípio, a qualidade atribuída a um texto jornalístico”. Sousa (2001, p. 121).

O mau emprego de um termo ou sinal de pontuação pode pôr em causa a compreensão da mensagem e a comunicacao como um todo. Ainda sobre a mensagem, Lene (2013, p. 127), lembra-nos que “aquisição de poder simbólico do jornalista referência passa por estratégias de construção de um texto jornalístico com capacidade de transmitir a informação de economia de forma objetiva, para ser assimilada pelo leitor”.

Matéria 2: Banco Mundial revê em alto crescimento de Moçambique para 3,5% em 2019 9 de Janeiro, 2019

Nesta matéria verifica-se também a questão de distribuição equitativa e linear de dados, como em outras matérias do Notícias. A principal fonte da matéria é o Relatório “Perspetivas Económicas Globais” do Banco Mundial, com informações complementares de uma economista, Franziska Ohnsorge, e dados comparativos de períodos passados com o até então atual. A matéria é bastante informativa trazendo diferentes abordagem e elementos suficientemente explicativos.

A utilização de expressões que minam a compreensibilidade da mensagem, como rácio da dívida pública, pontos percentuais, estabilidade da inflação e flexibilização da política monetária têm a sua utilização influenciada pelas fontes, quer o relatório, quer a economista. Existe uma parte conflituosa entre jornalistas económicos e suas fontes, principalmente economistas, este primeiro na tentativa de interpretar a informação distorcem-na. Conforme, Martins (2005, p. 226).

Daí que Segala & Spaneberg (2017, p. 3), advogam maior familiaridade aos termos “para cobrir bem os assuntos de economia é preciso ter certa proximidade com números e planilhas, verifica-se que o domínio de técnicas, práticas e ferramentas de jornalismo de dados é uma habilidade desejável para os jornalistas da área”.

Matéria 3: Deflação abre espaço para redução das taxas de juro 20 de Julho, 2020

A matéria apresenta certa profundidade, com pluridade de fontes, o relatório como base para a produção da matéria complementada pela visão do analista económico. Um dado curioso nesta matéria é que há uma tentativa de definir o conceito deflação, acredita-se, numa perspetiva de tornar o texto mais informativo que técnico.

Todavia, a deflação é concebida como sendo uma “política que visa restringir a procura global, com o fim de travar a subida de preços, através da redução do fluxo monetário na economia”, fato que pode tornar a compreensão do conceito embaraçosa, pois, primeiro, a deflação não é uma política, nem nacional nem global, antes redução generalizada de preços numa cidade, país, região ou continente resultante muitas vezes da redução da demanda e aumento da oferta, daí que é comumente visto como o oposto a inflação.

Ademais, afirma-se que a deflação “deve-se à descida de preços dos bens alimentares e dos transportes, o que abre espaço para uma redução das taxas de juro”, tal como se disse anteriormente a deflação é a descida de preços, não devendo esta ser a causa da deflação, numa análise geral a deflação é consequência do crescimento do volume de oferta de produtos ou serviços, redução de imposto e redução do volume de dinheiro em circulação.

Esse posicionamento entra em contradição com explicação do especialista, no último parágrafo, sobre os aspetos que podem concorrer para a inflação, “as perturbações na cadeia de abastecimento e a consequente escassez de produtos devido ao impacto da pandemia da covid-19”. Ora, se por um lado a compreensão das terminologias por parte de alguns profissionais constitui um desafio, mais que desafio será a tentativa de explica-los, muito mais de torna-los informativos.

Por outro, expressa falta de domínio dos conceitos primários da área ou familiaridade com os termos, nas palavras de Segala & Spannenberg (2017, p. 3). Assim sendo, “Quem trabalha com jornalismo económico precisa conhecer a macroeconomia (informações e indicadores que permitem avaliar o desempenho da economia em seu conjunto)” conforme Caldas (2003, p. 23).

Essa necessidade contínua de aproximação, deve estar refletida na forma de escrever no jornalismo de economia, até mesmo para “democratizar a própria economia e contribuir para sua maior eficiência. No entanto, o jornalista deve fazê-lo criteriosamente, interpretando as

estatísticas e evitando provocar pânico nos mercados financeiros”. (KUCINSKI, 1996 *apud* KUCINSKI, 1996, p. 21), aliás, o conhecimento da linguagem técnica seria o instrumento que daria aos profissionais mais qualidades para a decodificação dos jargões.

Matéria 4: Governo mantém consolidação fiscal sem redução de despesa 18 de Novembro, 2021

A matéria produzida tendo-se como base uma fonte interativa, sem muita profundidade muito menos complementaridade da informação quer para consubstanciar quer para contrapor.

Um dado um tanto quanto curioso é fato de o conceito central da matéria não ter tido um tratamento explicativo ao longo do texto, a expressão consolidação fiscal, base para a compreensão do texto não foi suficientemente explorado a ponto de se tornar em elemento informativo no texto. Fato que por um momento pode tornar questionável o comprometimento social de bem informar ou a necessidade de “passar a mensagem”.

Tal como Silva (2017, p. 67) refere os profissionais do jornalismo económico para além da linguagem devem ater-se a precisão e linearidade no texto, tendo obrigatoriamente que aprofundar os fatos. “Eles têm de ser precisos em tudo o que podem, porque o jornalismo económico faz revelações importantes que afetam toda a gente”. O autor, escreve que os profissionais precisam de analisá-los de forma inteligente e contextualizá-los de modo útil, pois só, assim o público poderá ser bem informado, entendendo as mudanças, abordagens, contornos e impactos mundo económico no seu dia a dia.

Abaixo análises gerais do “O País”:

Matéria 1: “O Governo está empenhado na estabilização da macroeconomia” 14/03/2019

Trata-se de uma matéria referente a abertura oficial da Conferência Anual do Sector Privado, tendo sido, esta, feito pelo presidente da república,

A matéria deste artigo configura-se no resumo do discurso do presidente da república, em que não há qualquer informação complementar nem parágrafos explicativos, antes os termos técnicos sob discurso da fonte não têm qualquer tratamento jornalístico sob prisma informativo, apenas constituem reprodução do exposto em parágrafos anteriores. Pode-se tomar como exemplo os parágrafos 4º, 5º e 6º. Assim, devido ao seu grau de importância social devia-se

salvaguardar a precisão, pois conforme Silva (2017, p. 67) “eles têm de ser precisos em tudo o que podem, porque o jornalismo económico faz revelações importantes que afetam toda a gente”.

No geral, o texto apresenta uma construção jornalística, com parágrafos curtos, embora os termos técnicos condicionem a compreensão total dos mesmos. Ainda sobre a linguagem, em particular a correção há uma observância aos princípios da gramática normativa, com exceção do 5º parágrafo, em que se verifica incoerência verbal “O estadista disse ainda que o agronegócio e a agricultura **tem** tudo para ser os catalisadores da economia...”.

Embora seja existente na língua portuguesa a forma verbal *tem*, esta deve ser usada na terceira pessoa do singular, tratando-se no texto de um sujeito composto a forma verbal devia estar na terceira pessoa do plural “O estadista disse ainda que o agronegócio e a agricultura **têm** tudo para ser os catalisadores da economia...”, havendo, assim, a concordância do verbo com seu sujeito, em número e pessoa. Conforme Cansian & Porrua (2011, p. 213).

Matéria 2: Banco de Moçambique mantém a previsão de inflação a um dígito para o médio prazo e recuperação económica nacional 23/09/2021

A matéria publicada a 23 de setembro de 2021 é referente a projeção de subida de preços feita pelo Banco de Moçambique num relatório institucional. Trata-se de uma fonte não interativa, embora apresente outras informações paralelas inflação.

Embora o texto apresente dados completos sobre a fundamentação dessa projeção “o aumento dos preços dos alimentos e do petróleo no mercado internacional”, os dados são apresentados de forma distributiva, com parágrafos explicativos e de interligação bem colocados, tendo em conta questões de coerência e outros princípios de correção. Pecando pelo uso de expressões como: depreciação, inflação, incremento, Índice de Preços no Consumidor (IPC), inflação média anual, abrandamento do défice, rendimentos secundários.

Relativamente a linguagem técnica (DINES 1996 *apud* FRANCISCO, 2013, p. 13), relaciona a presença desta nos textos informativos de economia a histórica e forte influência das fontes desta editoria jornalística.

As informações da área econômica são obtidas junto aos tecnocratas que utilizam uma linguagem conceitual de difícil compreensão para o público leitor, e muitas vezes os

jornalistas reproduzem as informações tal como lhes são transmitidas, sem decodificação, com apenas algumas adaptações para a linguagem comum.

Matéria 3: “Golpe da COVID-19” piora crescimento do PIB moçambicano” 14/05/2020

O texto é referente a uma previsão da redução dos ganhos resultantes dos produtos ou serviços prestados no país (PIB), tomando-se como base as análises do *FocusEconomics* ao relacionar a desaceleração com os impactos negativos da Covid. A *FocusEconomics* constitui a única fonte da matéria, sem dados complementares.

Gramaticalmente, o texto apresenta alguns pontos a ter em conta, como a regência do verbo falar, aplicada **em** no lugar **de**, na epígrafe, e a colocação imprecisa e desnecessária da vírgula no 4º parágrafo “Refira-se, que o Governo moçambicano prevê, no pior dos cenários, um crescimento do PIB de 2,2%.”, no caso, por e para uma maior precisão devia estar da seguinte maneira: “Refira-se que o Governo moçambicano prevê, no pior dos cenários, um crescimento do PIB de 2,2%.”, visto que a expressão que fica entre vírgulas toma o sentido explicativo ainda na concepção de previsão referida no texto. De acordo com Cansian & Porrua (2011, p. 200).

Matéria 4: Banco de Moçambique diz que a inflação anual situou-se em 6% em Setembro de 2021. 03/11/2021

O artigo tem como base uma fonte humana, possível de interação, sem diversidade de fontes nem profundidade na matéria, e com ausência de alguns sinais de pontuação, a título do exemplo o quarto parágrafos, em que a expressão “a nível interno” devia estar separada por vírgula, pois, no caso, exerce o papel de apostro.

As características do texto jornalístico impõem o domínio da língua e da sua gramática, bem como das técnicas de redação. É uma consequência inevitável. Podem existir jornalistas extraordinariamente bons a recolher informação e muito maus a enuncia-la. Por isso é que entre as funções dos editores se inscreve, logicamente, a edição dos textos. Mas um jornalista que não saiba redigir com qualidade será sempre um jornalista incompleto, estigmatizado. (Sousa, 2001, p. 121)

A observância das gramática normativa, incluindo a pontuação, não é um elemento paralelo a comunicação, antes mecanismo essencial para o ato de comunicar, até mesmo para, de acordo com Kucinski (1996, p. 21), “fornecer dados que ajudem a prever o nível de atividade económica a todas camadas e classes da sociedade”, lembrando, ainda que “Sua dimensão impede que apenas os grupos mais fortes, detentores próprios de informação, possam se antecipar às mudanças de fase de economia”.

5 CAPÍTULO V – CONCLUSÃO

O presente estudo visava analisar as razões que pudessem explicar a utilização de termos técnicos nas matérias de economia, tendo-se avaliado um rácio de 54 artigos, o tipo de fontes, diversidade de fontes, profundidade das matérias como um dos caminhos para a resposta à questão inicial “Que factores explicam a utilização da linguagem técnica na cobertura jornalística de assuntos económicos?”.

Uma das constatações é que os jornalistas têm conhecimento profundo sobre as formas de escrever ou narrar os acontecimentos sobre economia, desde a visão teórica, perspectiva ideal de narração, princípios de redação, papel e responsabilidade social. Embora a concepção mãe do jornalismo económico seja de impulsionar o desenvolvimento e o progresso através de análises e leituras sobre a realidade económica.

Esta editoria do jornalismo por ser composta acentuadamente por neologismos, palavras estrangeiras, siglas, índices e jargões torna a tradução um contínuo desafio para os profissionais.

Textos produzidos a base de fontes especialistas, apresentam maior utilização de linguagem técnica, enquanto que matérias económicas a base de outras fontes (diretores, PCA, Presidente de Municípios, por exemplo), tendem a ser mais claros e com pouca utilização de termos técnicos, ou seja, as fontes de informação influenciam de certo modo na forma e no emprego da linguagem dos textos.

As fontes documentais, dependendo da sua tipologia exercem certa influência no uso ou não de jargões económicos, quando as fontes documentais são descritivas e de resumo informativo, as notícias tendem a ser menos técnicas.

Da entrevista e alguns contactos (de questionário não concluídos) ficou claro que os jornalistas que escrevem sobre economia, têm com profundidade o conhecimento sobre o impacto social do jornalismo económico no tocante a informação como direito, necessidade e meio de educação social. Incluindo sobre os princípios que devem nortear a escrita em jornalismo sobre economia, o mesmo aplica-se para jornalista de profissão (não necessariamente de formação).

O uso de algumas expressões técnicas não tem que ver com a falta do conhecimento dos princípios de redação em jornalismo, nem do papel e responsabilidade social, mas deriva também da missão de salvaguardar esse direito, por exemplo, na tentativa de explicar-se um

crescimento de 3, 5 pontos percentuais, ou crescimento do PIB ou PNB, pode-se correr o risco de distorcer uma dada informação ao ir ao detalhe da sigla ou conceito, por outro, os contornos na tentativa de explicar certos termos reduziria a estética na escrita dos próprios textos.

Porém, não se pretende pôr de lado os valores base do jornalismo em detrimento do acesso a informação nem da estética, antes, unicamente, reconhecer as limitações desta área de importante capital social, até porque é a economia no jornalismo, não o contrário.

Pontuar que a exemplificação e comparação que são feitas pelos jornalistas mostram, ainda que de maneira não expressa, um esforço para assegurar o acesso à informação. Esses fatos, por outro lado, mostram uma tendência de interpretar ou facilitar a sua compreensão, aliás, os exemplos são usados na tentativa de clarificar um elemento, conceito ou contexto tido em código. Ora vejamos, de todas editorias jornalísticas (política, desporto, cultura, sociedade) contáveis são as vezes em que estes recursos têm lugar que a economia.

No geral, o tipo de fontes e a influência de factores externos a organização e, ainda, a necessidade de publicação “primeiro” explicam a utilização de jargões técnicos nas matérias de economia.

Pela análise de conteúdo, não foi possível avaliar a influencias de agência de informação na utilização de expressões técnicas no jornalismo económico. No entanto, da pesquisa de levantamento por meio de entrevista, foi possível, ficar a conhecer que as agências de informação na exercem influência no produto final dos jornais, visto que, estas, por publicarem notas informativas, servem aos jornais de ponto que referencias das matérias que pelos jornais serão desenvolvidas, não havendo espaço para influência na redação das mesmas.

Com as conclusões acima expressas, foi possível atingir os objetivos específico e o geral deste estudo, analisar os factores que explicam a utilização de linguagem técnica na cobertura jornalística de assuntos económicos.

Relativamente a validação das hipóteses, a primeira, *a utilização de expressões técnicas nas matérias sobre economia no «Notícias» e «O País» deve-se a pressão organizacional para o cumprimento do deadline, o que não permite aos jornalistas traduzirem a linguagem económica*, é totalmente comprovada, ainda que de modo incompleto, e a segunda, *A utilização de termos técnicos de economia nos jornais em análise é explicada pela influência das fontes*

e agências de informação na redação de notícias, parcialmente comprovada na medida em que as agências de informação não influenciam na utilização de termos técnicos no jornalismo económico.

Observação/ Limitação

Uma das limitações do estudo, depreendeu-se com o não contributo por razões organizacionais, de alguns profissionais que escrevem sobre jornalismo económico, que, decerto modo, poderiam dar mais subsídios ao estudo. O trabalho, por objetivar avaliar a escrita jornalística sobre economia compreendeu a análise de matérias do jornalismo impreso e da *Web*.

6 CAPÍTULO VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLANÕ, César. Jornalismo online - reflexões a partir da economia política da comunicação. Brasil. 2006

CALDAS, Suely. Jornalismo Económico. Brasil: Capa Comum, 2003.

CORREIA, Cynthia M. Barreto. As vozes no Jornalismo Económico: um estudo preliminar das fontes em portais de notícias. Palmas. 2010

FRANCISCO, Kárita Cristina. Trinta anos depois: o uso do economês nos cadernos de economia dos jornais impressos. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

FAULSTICH, Enilde. Como ler, entender e redigir um texto. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

Gil, A. Como Elaborar Projectos de Pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Gil. A. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalismo Económico. Brasil. São Paulo: Edusp, 1996.

LAGE, Nilson. Teoria e técnica do texto jornalístico. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LAKATOS, E; MARCONI, M. Fundamentos de Metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2003.

LENE, Hérica. “Jornalismo de Economia no Brasil”. Bahia: Editora UFRB, 2013.

LIMA, Venício; A responsabilidade social da media. 2009. PDF

MARTINS, Christina. Uma fronteira ou o jornalismo económico como forma de conhecimento especializado. Caleidoscópio: Edições Universitárias Lusófonas, 2005.

MUNGUAMBE, Titos. Editor do jornal Notícias. [Maputo-Cidade]: GNT, 15 de junho. 2023. Entrevista concedida a António Francisco Miambo na sala de reuniões da Editoria de Economia do Notícias.

PAUL, L.; DIAS, A.; MACHAVA, M. a comunicação empresarial em Moçambique. Maputo: Edição FDS. 2016.

PRODANOV, C.; FREITAS, E. C. Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Académico. 2ed. Nova Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

RIGHETTI, R.; KRAUSS, R. Jornalismo económico: a quem se destina?. Londrina: Unopar, 2012.

ROCHA, Ilídio. A Imprensa de Moçambique - História e Catálogos (1854 - 1975). Lisboa: Livros do Brasil, 2000.

SEGALA, M.; SPANNENBERG, A. “Jornalismo de dados e jornalismo econômico: Intersecções, contribuições e uma proposta de manual”. Morumbi: Abraji, 2017. F Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Anhembi-Morumbi, Morumbi, 2017

SILVA, E.; MENEZES, E. Metodologia de pesquisa e elaboração de Dissertação. 4a edição. Florianópolis: revisada e atualizada, 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. Elementos do jornalismo impresso. Porto: Bocc, 2001.

SOUSA, Jorge Pedro. Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia. Porto: Bocc, 2002.

TAVARES, A.; CORRÊA, A.; OMENA, A. “Jornalismo Econômico no Contexto Brasileiro”. 2015.

SILVA, Ana Maria Lopes da. O Jornalismo *Económico* como forma de Jornalismo Especializado - O perfil do Jornal de Negócios. Porto: UFP, 2017. F Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2017

VASCONCELLOS, M.; GARCIA, E. Fundamentos de Economia. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

Indexmundi Disponível em: <https://www.indexmundi.com/map/?t=0&v=39&r=af&l=pt> Acesso a 20 de junho de 2022

Jornal Notícias Disponível em: <http://www.jornalnoticias.co.mz/> Acesso a 20 de junho de 2022

Jornal Noticias. Disponível em: <https://www.jornalnoticias.co.mz/destaque/noticias-aos-96-anos/> Acesso em 15 de Abril de 2022.

7 APÊNDICE

PERGUNTAS

1. Jornalismo económico é economia no jornalismo e não o contrário, qual seria o perfil ideal dos profissionais desta editoria?
2. Matéria de economia tem um grande valor e impacto social, para todos, que cuidados devem ser tidos em conta para salvaguardar esses valores da acividade?
3. Que diferença há na produção de matérias a base de fontes documentais e humanas (discurso do presidente da república ou governador do banco de Moçambique), e em termo te pressão?
4. Que relacionamento e tratamento é dado a fontes de agência de informação?
5. Toda editoria de jornalismo ou qualquer área de especialização tem os seus desafios, quais são as barreiras do jornalismo económicos, e que caminhos/saídas seguir?
6. Em jornalismo reconhece-se sempre os interesses secundários das fontes, na editoria de economia como esse interesse se manifesta?
7. Matérias produzidas à base de fontes não interativas apresentam mais complementos e diversidade de informações. Qual é a sua visão sobre o assunto?
8. A produção de quaisquer conteúdos no jornalismo obedece, em geral, a 4 fase, Pauta: escolha do tema ou assunto. b) Apuração: recolha das informações, dados e verificação da veracidade dos fatos. c) Redação: transformação das informações num texto. d) Edição: correção e revisão dos textos. De que maneira ocorre cada uma delas no Jornalismo de Economia, e no jornal?

Discrição e análise das matérias do Jornal Notícias

Edição do Jornal	Jornal Notícias	Termos Técnicos	Fontes de informação		Diversidade de fontes	profundidade	princípios de correção
			Humana	Documental			
9 de Janeiro, 2019	Banco Mundial revê em alta crescimento de Moçambique para 3,5% em 2019	Sigla Expressão Porcentagem	Não	Sim	Não	Sim	Sim
18 de Janeiro, 2019	BAD prevê crescimento de 4% para África	Sigla Expressão Porcentagem	Não	Sim	Não	Sim	Sim
12 de Fevereiro, 2019	Inflação média a 12 meses mantém-se em 3,91 % no país	Sigla Expressão Porcentagem	Não	Sim	Não	Não	Sim
20 de Maio, 2019	Economia nacional deve crescer 1,8% em 2019 e 6% em 2020	Expressão Porcentagem	Não	Sim	Não	Não	Sim
1 de Agosto, 2019	Prime Rate cai pelo segundo mês consecutivo	Sigla Expressão Porcentagem	Agência de Informação		Não	Não	Sim

8 de Novembro, 2019	Opções de financiamento de Moçambique são limitadas e ajuda do FMI seria importante	Não observado	Não	Sim	Não	Sim	Sim
21 de Janeiro, 2020	Crescimento da África subsaariana desce 3,5% este ano e em 2021	Expressões	Não	Sim	Não	Sim	Sim
3 de Fevereiro, 2020	Taxa de juro mantém-se inalterada pelo quarto mês consecutivo	Expressão	Não	Sim	Não	Não	Sim
6 de Março, 2020	Moçambique duplica crescimento económico para 4,3% este ano	Sigla Expressão Percentagem	Não	Sim	Não	Não	Sim
30 de Abril, 2020	Moçambique enfrenta recessão de 2,4% este ano 30 de Abril, 2020 Moçambique enfrenta recessão de 2,4% este ano	Sigla Expressão Percentagem	Não	Sim	Não	Não	sim
20 de Julho, 2020	Deflação abre espaço para redução das taxas de juro	Sigla Expressão Percentagem	Não	Sim	Pluralidade	Não	Não
30 de Agosto, 2020	Para responder a demanda: PR recomenda incremento da produção pesqueira em Mongicual	Expressão	Sim	Não	Não	Não	Sim
18 de Setembro, 2020	Inflação em Moçambique deverá ficar nos 2,9% este ano	Epressão	Não	Sim	Não	Não	Sim

24 de Setembro, 2020	Aprovadas propostas do PES e OE de 2021	Sigla Expressão Porcentagem	Sim	Complementar	Pluralidade	sim	sim
11 de Janeiro, 2021	Inflação situou-se em 1,52% em Dezembro	Sigla Expressão Porcentagem	Não	Sim	Não	Não	Sim
22 de Fevereiro, 2021	Vendedores rejeitam mercado “Mphavara”	Não observado	Sim	Não	Não	Sim	Sim
14 de Fevereiro, 2021	ATÉ 2022: Défice de energia continuará a aumentar	Não Observado	Sim	Não	Não	Não	sim
21 de Maio, 2021	No primeiro trimestre: AT arrecada receita superior a 63 mil milhões de meticais	Não observado	Sim	Não	Não	Não	Sim
11 de Maio, 2021	Indústria de bebidas alcoólicas: Covid-19 leva ao desemprego vinte e três mil trabalhadores	Não observado	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
27 de Junho, 2021	Privados almejam fundo de desenvolvimento regional	Não observado	Sim	Não	Não	Sim	Sim
14 de Outubro, 2021	País regista retoma gradual da economia	Expressão	Sim	Não	Não	Sim	Sim
26 de Novembro, 2021	AO BM: PR incentiva resposta aos desafios da economia nacional	Sigla Expressão	Sim	Não	pluralidade	Sim	Sim

		Percentagem					
18 de Novembro, 2021	Tarifa de transporte poderá ser agravada entre 2 e 3 meticais	Não observado	sim	Não	Sim	Sim	Sim
24 de Novembro, 2021	Projectado estaleiro para mitigar inundações	Não observado	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
11 de Novembro, 2021	País registou inflação de 0,89% em Outubro	Sigla Expressão Percentagem	Não	Sim	Não	Não	Sim
18 de Novembro, 2021	Governo mantém consolidação fiscal sem redução de despesa	Expressão	Sim	Não	Não	Não	Sim
17 de Dezembro, 2021	CONSIDERA PR: Estado geral da nação é de auto-superação	Sigla Expressão Percentagem	Sim	Não	Não	Sim	Sim

Tabela 1: Observações no Jornal Notícias

Fonte: Elaboração própria

Edição do Jornal	Jornal	Termos Técnicos	Fontes de informação		Diversidade e de fontes	profundidade	princípios de correção
	O País		Humana	Documental			
09/01/2019	País fechou 2018 com inflação na ordem de 3,52%	Sigla Expressão Porcentagem	Não	Sim	Não	Não	Sim
14/03/2019	“O Governo está empenhado na estabilização da macroeconomia”	Não observados	Sim	Não	Não	Não	Não
27/03/2019	“África deve priorizar colectas domésticas para triplicar crescimento”	Não observados	Não	Sim	Não	Sim	Sim
10/04/2019	Economia africana vai crescer abaixo do esperado este ano	Sigla Expressão Porcentagem	Não	Sim	Não	Sim	Sim
08/06/2019	Banco Mundial (também) corta PIB de Moçambique	Sigla Expressão Porcentagem	Não	Sim	Não	Sim	Sim
23/09/2019	Moçambique poderá gastar 14% do seu PIB para fazer face às mudanças climáticas	Sigla Expressão Porcentagem	Sim	Não	Não	Sim	Sim

23/09/2019	Inflação na SADC: Moçambique mais “barato”	Expressão Percentagem	Não	Sim	Não	Não	Sim
19/10/2019	Custo do crédito poderá ficar mais barato em Moçambique	Sigla Expressão Percentagem	Não	Sim	Não	Sim	Sim
08/02/2020	Empresas registam crescimento mais baixo de encomendas dos últimos 20 meses	Não observado	Não	Sim	Não	Não	Sim
14/05/2020	“Golpe da COVID-19” piora crescimento do PIB moçambicano	Expressão	Não	Sim	Não	Sim	Sim
11/07/2020	Custo de vida desacelera pelo segundo mês consecutivo	Sigla Expressão Percentagem	Não	Sim	Não	Sim	Sim
29/08/2020	Contrabando consome 12.6% do PIB moçambicano	Sigla Expressão Percentagem	Complem entar	Sim	Não	Sim	Sim
16/10/2020	PCE do BNI apresenta estratégia para financiamento à agricultura familiar	Não observado	Sim	Não	Não	Sim	Sim

19/11/ 2020	PIB cai mais de 3% e exportações em USD 400 milhões	Sigla Expressão Porcentagem	Sim	Não	Não	Sim	Sim
20/11/ 2020	Deficiente aplicação das leis e difícil acesso a crédito “travam” crescimento das fintechs	Sigla Expressão Porcentagem	Sim	Não	Pluralidade	Sim	Sim
16/12/ 2020	Banco de Moçambique mantém em 10,25% taxa de juro de referência	Sigla Expressão Porcentagem	Não	Sim	Não	Sim	Sim
20/01/ 2021	Taxa de inflação na Nigéria atinge 16% em Dezembro	Expressão Porcentagem	Não	Sim	Não	Sim	Sim
27/01/ 2021	Banco de Moçambique faz agravamento recorde da taxa de juro de referência	Sigla Expressão Porcentagem	Não	Sim	Não	Sim	Sim
19/02/ 2021	PIB da OCDE recua 4,9% em 2020	Sigla Expressão Porcentagem	Não	Sim	Não	Sim	Sim
26/02/ 2021	“Estamos a perder 600 milhões de dólares anuais com incentivos fiscais”	Não observados	Sim	Não	Não	Sim	Sim

19/05/2021	Banco de Moçambique mantém todas as taxas de juro	Sigla Expressão Porcentagem	Não	Sim	Não	Sim	Sim
13/06/2021	Nível geral de preços em queda no país	Sigla Expressão Porcentagem	Não	Sim	Não	Sim	Sim
03/08/2021	FMI aprova atribuição histórica de direitos especiais de saque de USD 650 mil milhões	Sigla Expressão Porcentagem	Não	Sim	Não	Sim	Sim
30/08/2021	PIB cresce 1,05% no 1º semestre de 2021	Sigla Expressão Porcentagem	Não	Sim	Não	Não	Sim
23/09/2021	Banco de Moçambique mantém a previsão de inflação a um dígito para o médio prazo e recuperação económica nacional	Sigla Expressão Porcentagem	Não	Sim	Não	Sim	sim
22/10/2021	Aumenta o número de empresas certificadas em Maputo	Não observado	Sim	Não	Pluralismo	Sim	Sim

03/11/ 2021	Banco de Moçambique diz que a inflação anual situou-se em 6% em Setembro de 2021	Sigla Expressão Percentagem	Sim	Não	Não	Sim	Sim
------------------------	---	--	------------	------------	------------	------------	------------

Tabela 2: Observações no Jornal O País

Fonte: Elaboração própria

Entrevista com o Editor de da Sessão de Economia do Jornal Notícias, Titos Munguambe.

PERGUNTAS - RESPOSTA

1. Matéria de economia tem um grande valor e impacto social, para tos, que cuidados devem ser tidos em conta para salvaguardar esses valores da acividade?

O jornalismo económico não é muito diferente das outras áreas de jornalismo, é verdade que esta é uma área específica, o papel educacional existe, daí que é necessário aplicar todos os princípios básicos do jornalismo na recolha, contraditório, o rigor no tratamento dos fatos para permitir que seja entendido, em princípios, todas as partes vivas da sociedade. E uma área segmentada jornalismo, de matéria para o consumo geral.

2. Jornalismo económico é economia no jornalismo e não o contrário, qual seria o perfil ideal dos profissionais desta editoria?

O jornalista que lida com as matérias económicas tem que ter uma indução na área, há termos próprios, matérias específicas, então, o jornalista, no mínimo tem que ter domínio das expressões, matérias, que são tratadas para a imprensa económicas...O interesse e a dedicação, não que obrigatoriamente seja jornalistas economistas, mas domínio dos conceitos e matéria. Treinamentos sobre a interpretação de elementos, dados e fatos de economia por meio de capacitação a jornalistas pode produzir matéria de economia. e difícil transformar um economista. Mas um jornalista pode ser alimentado de arcaboços que lhe permita, na área de economia, lidar com as matérias da sessão.

3. Que diferença há na produção de matérias a base de fontes documentais e humanas (discurso do presidente da república ou governador do banco de Moçambique), e em termo te pressão?

A diferença é ténua, porque quando o documento for esclarecedor na integra, o jornalista pode usar e transformar, mas quando tiver lacunas (precisão, esclarecimento, clareza), vai contactar as fontes (proprietárias da informação ou não – Economistas) para oferecerem mais subsídios sobres os elementos do documento. Nas fontes humanas, geralmente as fontes são figuras com autoridade e representação e abalizadas no assunto.

3.1. E, em termo te pressão?

O jornal diário tem certa pressão, daí que é preciso um pouco de vontade, compromisso do próprio jornalista em trazer os fatos em tempo útil, a partida, já há uma pressão para garantir que em para que 24 hora a informação é preciso possa estar publicada. depois a matéria possa estar, por outro lado, tendo em conta as plataformas digitais, há sempre necessidade de informar em tempo real os acontecimentos.

As fontes documentais oferecem maior rapidez na divulgação, os documentos são trabalhados no momento, sendo no digital, a informação é publicada. A oral, nalgum momento, pode não ser contactada naquele momento, mas o jornalista deve estar preparado para da evasão ao assunto....

4. Que relacionamento e tratamento é dado a fontes de agência de informação?

São um complemento muito importante, porque não ser possível o jornal estar em vários pontos num mesmo tempo, as agências de informação complementam muito em termo de imediatismo, para o jornal online e impressa, não aparecem como concorrentes, mas para complementar, não influencia, pois, os jornais tem os seus objectivos e uma linha editorial estabelecida. Notícias, breves nas agências de informação...

5. Matérias produzidas à base de fontes não interativas apresentam mais complementos e diversidade de informações. Qual é a sua visão sobre o assunto?

A complementaridade das fontes documentais, as fontes documentais, quando se trata de um relatório dependendo do tipo de relatório, se for de contas tem um parecer dos auditores a mensagem da organização, a demonstração financeira, apresentam mais detalhes. Mas o jornalista deve estar a altura de interpretar as informações que constam lá. Há uma linguagem fortemente contabilística, não é muito uma linguagem jornalística, há esse exercício de o jornalista estar a altura de interpretar esses elementos que estão lá elencando nos relatórios. E algumas vezes pode recorrer a especialistas para fazer a análise, incluindo a interpretação de algumas expressões técnico-.contabilísticas.. transmitido ao leitor de forma simples, o relatório de contas, mas para organizações que fazem resumos de forma

técnicas (BC) o exercício do jornalista é dobrado, devendo simplificar os jargões de contacto com fontes técnicas (economistas, por exemplo).

6. Numa análise de texto de economia, verificou-se, em algumas matérias, a utilização de termos técnicos, que factores podem explicar o uso dessas expressões?

Há expressões que não tem uma tradução literal na linguagem corrente, naturalmente que o jornalista não tem muitas margens para trocar as expressões, há linguagem que por vezes estão na língua inglesa e a tradução para a portuguesa não complementa na essência aquilo que se pretende dizer, aí o jornalista vai ter que usar a própria palavra que é mais usada na atividade económica. Mas a luta, sempre, é de simplificar a informação, o que é recomendável para informar o leitor.

Entrevista concedida ao Estudante António Miambo, a 15 de Junho de 2023, pelo Editor de da Sessão de Economia do Jornal Notícias, Titos Munguambe.

8 ANEXOS

Link com os artigos analisados

<https://drive.google.com/drive/folders/1KTsfUZrfVtHFR-hEpmcTez3gNoFNRtrk?usp=sharing>